

ILUSTRAÇÃO CRÍTICA E DESIGN SOCIAL: TRAÇOS DE REPRESENTATIVIDADE NO LIVRO ILUSTRADO INFANTIL

CRITICAL ILLUSTRATION AND SOCIAL DESIGN: TRAITS OF REPRESENTATION IN CHILDREN'S PICTURE BOOKS

Cláudio Aleixo Rocha¹

Victória Gabriella Silva Fagundes²

Resumo

Este estudo se propôs investigar a ilustração crítica, o design social e o livro ilustrado infantil. Seu objetivo é direcionado para a criação de um livro ilustrado voltado para a promoção da representatividade na literatura infanto-juvenil. O livro ilustrado foi desenvolvido a partir da adaptação da metodologia de design de Passos (2014). Para a criação do roteiro foi utilizada a metodologia de Comparato (2009) e, para o design de personagem, a metodologia de Rocha (2023). Na construção de Madá, personagem principal do livro ilustrado, foram realizados estudos de anatomia, cenários e colorimetria para valorizar a diversidade étnica. Madá foi projetada para gerar identificação e desconstrução de estereótipos negativos, especialmente sobre o cabelo cacheado e crespo. Sendo assim, o propósito de criação deste livro ilustrado esteve em promover a representatividade positiva para crianças negras, visando o empoderamento por meio da valorização de seus traços étnicos.

Palavras-chave: livro ilustrado; representatividade negra; design social; ilustração crítica; livro ilustrado infantil.

Abstract

This study aimed to investigate critical illustration, social design, and children's picture books. Its objective is to create a picture book aimed at promoting representation in children's and young adult literature. The picture book was developed based on the adaptation of Passos' design methodology (2014). Comparato's methodology (2009) was used to create the script, and Rocha's methodology (2023) was used to design the character. In the construction of Madá, the main character of the picture book, studies of anatomy, scenarios, and colorimetry were carried out to value ethnic diversity. Madá was designed to generate identification and deconstruction of negative stereotypes, especially about curly and frizzy hair. Therefore, the purpose of creating this picture book was to promote positive representation for black children, aiming at empowerment through the valorization of their ethnic traits..

Keywords: illustrated book; black representation; social design; critical illustration; children's illustrated book.

¹ Professor Doutor, UFG – FAV – Curso de Design Gráfico, Goiânia, GO, Brasil. claudioaleixo@ufg.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8436-4861>

² Graduanda, Pesquisadora Bolsista do Programa Institucional de Bolsas UFG, UFG – FAV – Curso de Design Gráfico, Goiânia, GO, Brasil. victoria.fagundes@discente.ufg.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0931-982X>

1. Introdução

O design social é uma abordagem do design que busca uma atuação ativa e responsável do designer na sociedade. Em meio a questionamentos sobre a vida política e sociedade, surge a necessidade de profissionais que se envolvam como cidadãos em sua área de atuação e/ou em comunidades de interesse. Essa abordagem se concretiza quando o designer se sensibiliza com as demandas sociais, especialmente das minorias, e projeta soluções visando à mudança ou melhoria dessas questões.

O design para a sociedade, consiste em desenvolver produtos que atendam às necessidades reais específicas de cidadãos menos favorecidos, social, cultural e economicamente; assim como, algumas populações como pessoas de baixa-renda ou com necessidades especiais devido à idade, saúde ou inaptidão (Pazmino, 2007 p.3).

No propósito do design social o designer é, antes de tudo, um membro da comunidade e desempenha um papel fundamental ao dar voz aos que não têm, ao participar politicamente das lutas sociais e levantar bandeiras por um bem-estar comum (Eskilson, 2007, apud Braga, 2011). Ainda na década de 1970, Victor Papanek já alertava para a verdadeira motivação do design, enfatizando a importância de um design responsável perante a ecologia e a sociedade (Moura, 2018). Nesse aspecto, o design socialmente responsável busca atender às necessidades fundamentais e reais das pessoas que, no contexto contemporâneo, vão além da educação, saúde, segurança e, inclui, questões como habitação inadequada, pobreza, desemprego, desigualdade e preconceito, tais como o racismo, transfobia, homofobia, xenofobia e o capacitismo (Moura, 2018).

2. Design Gráfico e sua Responsabilidade Social

O design gráfico com o foco nos princípios sociais compartilha dos mesmos fundamentos do design social, buscando priorizar a ética na atuação profissional, ou se engajando nas causas e lutas sociais das minorias, dos menos favorecidos, da responsabilidade ambiental, da valorização da cultura, seja ela nacional, regional ou local e da identidade de seu povo. É notório que desde os primórdios, o design gráfico tem sido uma ferramenta crucial na comunicação comercial. Todavia, as habilidades e competências de um designer gráfico também podem ser direcionadas para a comunicação de questões sociais relevantes (Braga, 2011).

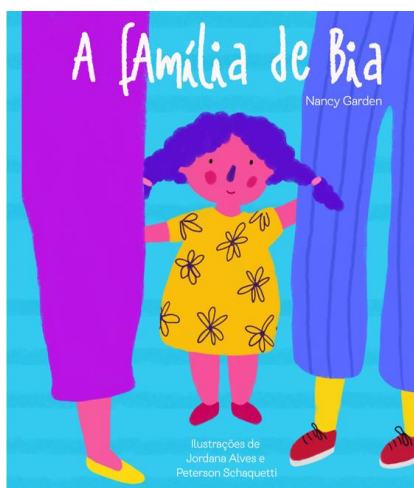
De acordo com esse pensamento, Jorge Frascara (1989) define o design gráfico como uma disciplina dedicada à produção de comunicações visuais com o objetivo de afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas. O design gráfico com uma atitude socialmente engajada utiliza a comunicação visual para disseminar informações e promover mudanças sociais e, seja qual for o artefato projetual desenvolvido, o objetivo é sempre provocar reflexão, promover mudanças e estimular a conscientização humana sobre questões sociais relevantes (Rocha, 2015).

A partir de tal compreensão serão apresentados na sequência alguns projetos de design editorial de livros ilustrados, cujo foco está justamente em demonstrar a importância social do design gráfico.

A família de Bia (Figura 1) é um livro infantil ilustrado interativo e pode ser um bom exemplo de atuação representativa. A obra traz de maneira leve e lúdica uma discussão sobre a relação entre a sociedade e as diferentes concepções de família para crianças. Com o foco na

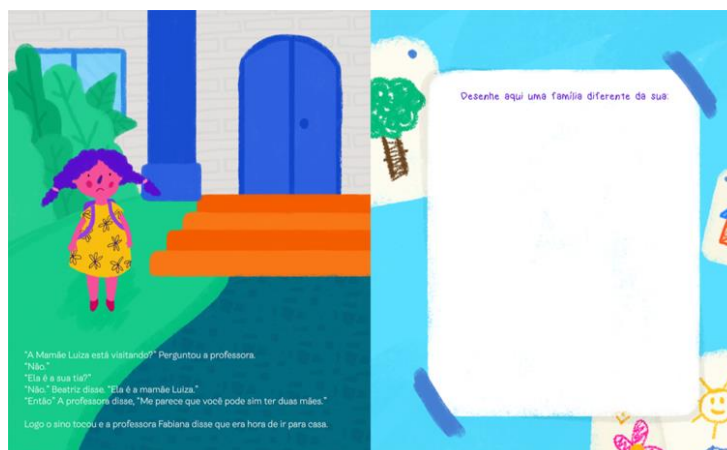
homoparentalidade, o livro surge como resposta à carência de materiais gráficos que abordem este tema voltados para o público infantil.

Figura 1: Capa do livro a família de Bia.



Fonte: Alves, Jordana. Schaquetti, Peterson. A família de Bia: uma experiência interativa para crianças. Goiânia-GO, 2018³

Figura 2: Página do livro A família de Bia

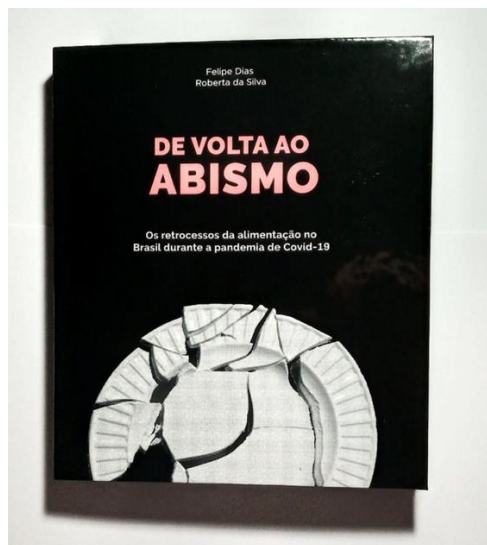


Fonte: Alves, Jordana. Schaquetti, Peterson. A família de Bia: uma experiência interativa para crianças. Goiânia-GO, 2018

O livro, De volta ao abismo: Os retrocessos da alimentação no Brasil durante a pandemia de Covid-19 (Figura 3), traz como tema, as sequelas da crise sanitária, com enfoque no aumento da insegurança alimentar na população brasileira, a fim de facilitar o acesso da população a estes dados e estimular a racionalização dos fatos e o pensamento crítico, através da atuação crítico-informativa do design gráfico para a sociedade.

³ Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20673>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

Figura 3: Capa do livro De volta ao abismo.



Fonte: Dias, Felipe. Silva,Roberta. Brasil, pandemia e insegurança alimentar: Retratos da fome por meio de um livro informativo. Goiânia-GO, 2022.⁴

3. A ilustração Crítica

Dentro do design gráfico, as ilustrações desempenham um papel fundamental na transmissão de mensagens, oferecendo uma comunicação eficaz e acessível ao público (Ambrose; Harris, 2012, p. 93 apud Rocha, 2020). Dentro desse contexto, a ilustração crítica surge como uma forma de expressão que busca provocar reflexões sobre questões sociais, culturais e políticas, desafiando a complacência e questionando as estruturas dominantes. Como afirma Rocha (2020, p.25) “a ilustração crítica é fruto de uma inquietação e reflexão do contexto sociocultural. Ela é uma contestação à complacência humana às ideologias de controle do Estado e um questionamento às políticas e práxis capitalistas que as sustentam”.

As ilustrações críticas estão inseridas no grupo das imagens conceituais⁵, desta forma, para que seu objetivo de comunicação seja atingido, se faz necessária a participação responsiva e reflexiva do receptor da mensagem. A interpretação da ilustração dependerá do contexto sociocultural e das vivências de cada receptor. Deste modo é necessário que ele esteja aberto a um olhar crítico apurado e seja sensível às diversas causas sociais à sua volta. Esse olhar crítico é uma maneira de ver e pensar coisas e situações cotidianas de forma questionadora.

Engajar-nos analiticamente com o que vemos é outro passo para desenvolver uma compreensão crítica. O olhar crítico é um componente fundamental para construir esta compreensão. É um modo de olhar que aprofunda e até mesmo personaliza nossa visão e nossa relação com o mundo. Colocando de outra maneira, esse olhar nos ajuda a desenvolver uma atitude analítica, reflexiva, que aguça nossa compreensão sobre o quê, porque e as condições em que estamos vendo. Essa atitude analítica e reflexiva nos habilita a extrair, dialogar e processar informações, criando

⁴ Repositorio UFG. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20697>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

⁵ Para Rocha (2020), as imagens conceituais têm por pretensão, representar ou codificar por meio de imagens e, de maneira crítica e reflexiva, os fatos e acontecimentos pertencentes ao contexto social.

outras formas de ver e construir significados (Martins; Tourinho, 2011, p. 61).

Em suma, a ilustração crítica busca problematizar as realidades sociais, políticas e culturais, despertando a criticidade no espectador e promovendo a conscientização sobre diversas questões. Portanto, ela desempenha um papel significativo no design gráfico socialmente responsável, engajando-se em ativismo e buscando promover o despertar e, quiçá, mudanças sociais.

Um exemplo de ilustrador neste campo é Pawel Kuczynski (Figura 4), um ilustrador polonês reconhecido por suas sátiras e críticas sociais. Suas ilustrações abordam temas como desigualdade social e suas comorbidades.

Figura 4: Ilustração crítica sobre a desigualdade social



Fonte: Arte Sem Fronteiras.⁶

O perfil, Design Ativista, ativo na rede social Instagram, abre espaço para designers e ilustradores de todo o Brasil exporem suas peças gráficas ilustradas de cunho social, a respeito de pautas relevantes da atualidade. Os administradores do perfil, não somente produzem conteúdo de cunho crítico-informativo, como também convocam a comunidade de design para participar dessa corrente de informação tão importante e elevar pautas significativas que estimulem o senso crítico da população e alimentem o sentimento de empatia.

Uma das pautas do perfil (Figura 5) foi a mobilização contra a PL 2903⁷, que colocaria em revisão as demarcações de Territórios Indígenas, onde seria implantada uma data para delimitá-las e só teriam direito às devidas marcações de terra aqueles que já as estivessem habitando na data da promulgação do artigo 231 da constituição⁸, dia 05 de outubro de 1988.

⁶ Arte sem Fronteiras. Disponível em: <<https://arteseemfronteiras.com/artista-pawel-kuczynski/>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

⁷ Informações técnicas sobre o processo publicadas na página do Senado Federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157888>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

⁸ Artigo que declara o reconhecimento dos povos indígenas como organização social e os seus direitos originários sobre as terras que habitam e declara que estas são inalienáveis e imprescritíveis. Página oficial Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643688/artigo-231-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

Figura 5: Peças gráficas retiradas do perfil Design Ativista



Fonte: Instagram.⁹

4. Livro Ilustrado

O livro ilustrado infantil passou por uma evolução significativa ao longo do tempo, adquirindo diversos formatos e configurações. Sophie Van der Linden, em "Para ler o livro ilustrado" (2014), oferece uma retrospectiva sobre sua trajetória e destaca a importância da imagem nessas obras. As publicações destinadas ao público infantil com ilustrações surgiram na primeira metade do século XX e passaram por modificações até alcançar o modelo contemporâneo.

Ao tentar definir o livro ilustrado, Linden (2014) enfatiza que é importante diferenciar livros com ilustração de livros ilustrados. Segundo a autora, os livros ilustrados são "obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente (é então chamando, no Brasil, de livro-imagem). A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagem." (Linden, 2014, p. 24).

Em contrapartida, no livro com ilustração, de acordo com Fleck, Da Cunha e Caldin (2016), o texto existe de forma independente, porquanto, a ilustração não acrescenta novas informações ao que foi expresso pelo texto. Igualmente não propõe a inserção de interações, tão pouco oferece novas interpretações além do que está posto nas palavras. O texto no livro com ilustração consegue sustentar a narrativa sem necessariamente existir uma imagem que lhe dê sentido. As ilustrações não são fundamentais para a compreensão da narrativa, pois em sua grande maioria tem a função de traduzir para o visual o que é dito pelo texto. Por outro lado, no livro ilustrado a imagem e o texto possuem a mesma importância na construção sequencial da narrativa da história. No livro ilustrado não há hierarquia entre escritor e ilustrador. Ambos possuem autoria da obra.

Outro ponto importante mencionado pelos autores supracitados é que nos livros ilustrados as ilustrações ocupam espaço superior em relação ao espaço ocupado pelos textos. Porém, isso não faz com que o texto seja secundário, pois, como dito, ambos têm a mesma importância. Acompanhar a narrativa em um livro ilustrado revela a "possibilidade de ir além

⁹ Instagram. Perfil disponível para visualização em: <<https://www.instagram.com/designativista/>>. Acesso em: 24, set. de 2024.

da separação entre texto e imagem como categorias dissociadas. O livro ilustrado abre a perspectiva de diálogo entre essas duas categorias somadas ao projeto gráfico que o constitui” (Fleck; Da Cunha; Caldin, 2016). Sendo assim, por não possuir uma diagramação com critérios e etapas bem definidas, o livro ilustrado tem se revelado bastante diversificado e aberto à experimentações em relação à sua produção gráfica. A diagramação do livro é toda elaborada à serviço da expressão. Outrossim, o livro ilustrado é um espaço livre para se pensar criativamente expressões comunicativas unindo-se o texto, a imagem, a composição, a diagramação, estudos de materiais e a produção do projeto gráfico.

A partir desse contexto, é possível compreender o livro ilustrado infantil como uma forma comunicativa que combina texto, imagens e diagramação de maneira fluida, coerente, experimental e criativa. Nesse aspecto, o projeto gráfico também desempenha um papel fundamental, aguçando os sentidos e influenciando a experiência do leitor.

(...) Além de texto e imagem, o projeto gráfico é fundamental na concepção do livro ilustrado: há que se atentar para o formato, material, relação entre capa e as guardas, tipo e tamanho da letra, enquadramento e encadeamento do texto e das imagens, disposição e localização das mensagens no suporte. Todas essas características fazem muita diferença no resultado final. (Nicolaveja e Scott, 2011).

5. A Importância da Representatividade na Literatura Infanto-Juvenil Para Crianças Negras

A representatividade na literatura infantil desempenha um papel crucial na formação da identidade das crianças, especialmente quando se considera a diversidade étnica e racial. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a criança é vista como um "sujeito histórico e de direitos" que constrói sua identidade pessoal e coletiva por meio das interações e práticas vivenciadas com seus pares e adultos. Este conceito, conforme apontado por Hall (2006), reconhece a multiplicidade das identidades, incluindo aquelas étnicas e raciais, que podem ser moldadas ao longo do tempo e do espaço, através de processos conscientes e inconscientes.

Segundo Malafaia (2018), no contexto brasileiro, essa complexidade é ainda mais evidente devido à miscigenação histórica do país, refutando a noção de "raças puras" e sublinhando a necessidade de uma abordagem inclusiva na representação das diversas identidades presentes na sociedade, especialmente a identidade negra. A história do Brasil é marcada por narrativas que perpetuaram uma visão embranquecida da identidade nacional e marginalizaram o povo negro, desde a colonização até os dias atuais. Isso foi alimentado pelo mito da democracia racial, obscurecendo o racismo estrutural e impedindo o reconhecimento do sofrimento e das injustiças enfrentadas pelos sujeitos negros.

A construção da identidade negra no Brasil é influenciada por uma cultura que promove um ideal de ego branco, negando ao negro sua própria identidade. A falta de representatividade positiva na mídia, na literatura e em outras áreas contribui para perpetuar esse cenário, deixando pouco espaço para a identificação e valorização da negritude (Conceição e Conceição, 2010, apud Malafaia, 2018). A literatura infantil desempenha um papel fundamental na formação do leitor crítico e na construção da identidade das crianças, especialmente no que diz respeito à autoimagem e ao autoconhecimento das crianças negras (Bento, 2020 apud Caetano, 2022). Essas obras literárias têm o potencial de revigorar a autoestima das crianças negras e contribuir significativamente para sua construção identitária,

motivando relações étnico-raciais igualitárias e promovendo o respeito às diferentes culturas e identidades, conforme preconizado pelas DCNEI (Brasil, 2004).

Historicamente, os textos destinados às crianças eram limitados e exerciam uma função domesticadora, alinhada aos interesses da classe dominante. As narrativas, como os contos de fadas, veiculavam padrões culturais e sociais que contribuíam para a manutenção das desigualdades e do racismo estrutural na sociedade (Costa, 2016 apud Caetano, 2022). A evolução da literatura infantil está ligada à transformação da percepção sobre a infância e ao reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos, ampliando suas temáticas e representações para abarcar a diversidade étnico-racial e promover uma educação antirracista e inclusiva.

Visto isso, a representatividade na literatura infantil desempenha um papel fundamental na promoção de uma identidade positiva e autêntica para as crianças negras. Ao oferecer modelos e narrativas que reflitam a diversidade étnica e racial da sociedade brasileira, a literatura pode ajudar a desconstruir estereótipos e empoderar as crianças negras a se reconhecerem como parte integrante e valiosa da comunidade. A partir dessa perspectiva, torna-se evidente a importância de uma abordagem inclusiva e diversificada na produção de materiais literários destinados ao público infantil, visando promover a representatividade e a valorização da identidade negra desde os primeiros anos de vida.

6. A Produção do Livro Ilustrado Infantil: a Cor do Meu Brilho

Para a produção do livro ilustrado, foi necessário estabelecer uma metodologia para guiar as etapas de construção editorial. A metodologia de Passos (2014) foi adaptada para este projeto editorial. Esse processo inclui três macro etapas: a) Delimitação do objeto, b) Conhecimento do objeto e c) Desenvolvimento do objeto, subdivididas em micro etapas.

A etapa 1, delimitação do objeto, visou esclarecer a definição do Design Social, além de explorar conceitos de ilustração crítica e livro ilustrado. Na etapa 2, conhecimento do objeto, foi aprofundado na importância da representatividade na autoidentificação de crianças negras. Também foi necessário entender como as crianças receberiam este conteúdo. Para isso, buscou-se saber a partir de que idade as crianças desenvolvem a capacidade de compreender pautas sociais e se empatizar com outras pessoas. Desse modo o público-alvo foi definido por crianças de 7 a 12 anos, conforme Piaget, 1999 apud Schirmann et al. (2019). Também foi necessário compreender qual o formato mais assertivo de manuseio para este livro ilustrado, conforme pesquisas de Klohn (2012) e diretrizes de Cardoso et al. (2019), concluiu-se que formatos maiores e retangulares são mais apropriados. Ainda dentro da etapa de conhecimento do objeto, além da pesquisa teórica anteriormente realizada, realizou-se também a construção de painéis semânticos para compreensão visual da composição editorial do livro. A partir de então, foi definido que para o livro ilustrado o formato seria quadrado com 22x24cm com 12 páginas, - considerando o formato de papel BB, (Lins, 2004) - grampeado; miolo em papel couchê brilhoso 180g/m capa em couchê brilhoso 250 g/m; tipografia sem serifa, estilo bastão, capa e ilustração com cores vibrantes.

Na etapa de desenvolvimento do objeto, foi abordado a construção da narrativa, as personagens, as ilustrações e o projeto editorial do livro. Para a narrativa, buscou-se compreender quais são as partes importantes que compõem um roteiro. Dentre as várias possibilidades destacou-se as seis etapas propostas por Comparato (2009), uma metodologia que segue um desenvolvimento lógico, etapa por etapa. Devido à baixa complexidade da narrativa, viu-se a necessidade de adaptação da metodologia para melhor atender o projeto.

Desta forma a estrutura do roteiro seguiu as seguintes etapas: a) Apresentação da personagem, b) Apresentação de um conflito, c) Desenvolvimento da trama e a d) Resolução do conflito. E como resultado da construção dessas etapas obteve-se o seguinte roteiro:

Capa: "O Brilho da Minha Cor"

Folha de Rosto:

Texto: Título do livro e nome da autora.

Página 4 e 5: Apresentação da Personagem

Texto: "Conheça Madá! Madá tem 9 anos e mora com sua mãe carinhosa e seu pai divertido em uma cidade cheia de aventuras."

Página 6: Hobbies e Gostos

Texto: "Madá, tem muitos passatempos."

Página 7: O Início da Dúvida

Ilustração: Madá na sala de aula, com um livro aberto e um olhar pensativo, sobre como as crianças no livro não se parecem com ela.

Página 8: Conversa com a Mãe

Texto: Em casa, Madá contou à mãe que se sentia triste por se sentir diferente das outras crianças, na escola, na TV ou nos livros.

Página 9: Descobrindo Heróis e Heroínas

Texto: "Você é linda do jeito que é, Madá," disse sua mãe. "Vamos aprender sobre mulheres incríveis que têm cabelo cacheado e pele escura como a sua."

Página 10: A Arte de Ser Quem É

Texto: Inspirada pelas histórias, Madá ficou confiante e começou a fazer lindos desenhos que mostram o orgulho de sua história e de seus traços.

Contracapa:

Texto: "Madá encontra inspiração e força em figuras incríveis que são como ela e descobre o brilho especial da sua própria cor." Em suas aventuras e desenhos, ela celebra sua identidade e a magia da sua história. E você, já descobriu o brilho da sua própria história?"

Com o roteiro finalizado, deu-se início a produção da parte ilustrativa do livro. Para o desenvolvimento das ilustrações, foi adotada uma metodologia de Da Silva e Nakata (2016), estruturada em seis etapas, sendo elas: a) Definição do problema, b) Coleta de dados, c) Análise de dados, d) Criatividade, e) Experimentação e f) Desenho Final. As etapas de definição do problema até a etapa de criatividade (onde foram interpretados os dados e a elaboração de *moodboards*) tiveram grande importância para encontrar os requisitos e pontos fortes para a criação do conceito visual do projeto. Cada *moodboard* contemplou aspectos específicos do projeto gráfico, como diagramação, paleta de cores, estilos de ilustração, entre outros. A partir dos *moodboards*, definiu-se uma paleta de cores que refletisse a identidade visual desejada, seguida por estudos de desenho para explorar estilos e formas que melhor representassem a narrativa

A criação da personagem principal, Madá, foi baseada na personalidade e no perfil delineados no roteiro, assegurando que as ilustrações traduzissem as características da

protagonista. Para isso, foi aplicada a metodologia de Rocha (2023), que é estruturada pelas etapas de problema de design; coleta de dados; análise de dados; criatividade conceitual; criatividade conceitual para criação de personagens; *concept art*; verificação do projeto; melhoria projetual; solução e refinamento do personagem.

Na etapa de *concept art* da personagem, foram desenvolvidos rascunhos das ilustrações já adaptados ao formato de diagramação previsto. Esses esboços passaram por melhorias, na etapa de refinamento do personagem, alinhando-se às expectativas narrativas e visuais previamente estabelecidas. O processo culminou na finalização das ilustrações, que foram cuidadosamente ajustadas e refinadas para integração com a diagramação, resultando em uma obra visualmente coesa em sua unidade visual.

Para uma das páginas em que a mãe de Madá apresenta figuras negras importantes, foi fundamental garantir a fidelidade na representação dessas figuras para facilitar o reconhecimento pelas crianças leitoras. Considerando que o estilo de ilustração do livro poderia comprometer a precisão dos traços individuais, optou-se por uma combinação de técnicas: ilustração e colagem. A solução encontrada foi criar uma colagem com fotos das figuras mencionadas pela mãe de Madá, como Zumbi e Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, Daiane dos Santos e Marielle Franco, coletadas da internet. Esta colagem foi desenvolvida no estilo *scrapbook*, evocando a imaginação e a memória.

Na etapa final de produção, as ilustrações digitais foram importadas para o *software* Adobe InDesign, onde foram realizadas a diagramação e o alinhamento das páginas, além da inserção dos textos. As caixas de texto foram sempre alinhadas às margens internas do livro, com uma margem de 2 cm em todas as extremidades. O alinhamento de algumas das caixas de texto às margens internas não foi um problema devido ao tamanho e ao acabamento grampeado do livro, garantindo que a disposição final estivesse adequada e sem comprometimento da legibilidade e manuseio.

Os textos foram apresentados com as famílias tipográficas Poppins para o interior das páginas e Roleyfox para o título do livro. A escolha da Poppins, com sua versão medium, foi feita devido ao seu peso legível e à sua família extensa, garantindo clareza e conforto na leitura. Já a Roleyfox foi escolhida para o título por remeter às letras cursivas feitas à mão, o que contextualiza bem com os *hobbies* artísticos da personagem principal e acrescenta um toque de personalidade e criatividade à apresentação do livro.

Assim, concluiu-se a etapa de produção do livro ilustrado infantil; “O brilho da minha cor”, resultando em uma obra que une design socialmente engajado e ilustração crítica para promover a representatividade de forma significativa e acessível ao público infantil.

Na sequência são apresentados os *moodboards* de inspiração, o desenvolvido visual da personagem Madá e as páginas diagramadas do livro ilustrado.

Figura 6: *Moodboard* para composição da diagramação do livro ilustrado infantil



Fonte: Produção autoral.

Figura 7: *Moodboard* para estudo do estilo da ilustração



Fonte: Produção autoral.

Figura 8: *Moodboard* para paleta de cores do livro ilustrado infantil



Fonte: Produção autoral.

Figura 9: *Moodboard* para estudo de cabelo da personagem Madá.



Fonte: Produção autoral.

Figura 10: *Moodboard* do tom de pele da personagem Madá.



Fonte: Produção autoral.

Figura 11: Paleta de Cores escolhida.



Fonte: Produção autoral.

Figura 12: *Model sheet* da personagem Madá.



Fonte: Produção autoral.

Figura 13: Expressões faciais da personagem Madá.



Fonte: Produção autoral.

Figura 14: Colagens de fotos.



Fonte: Produção autoral.

Figura 15: Diagramação das páginas internas do livro O Brilho da Minha Cor.



Fonte: Produção autoral.

Figura 16: Páginas 6 e 7 do livro O Brilho da Minha Cor.



Fonte: Produção autoral.

Figura 17: Páginas 8 e 9 do livro O Brilho da Minha Cor.



Fonte: Produção autoral.

Figura 18: Páginas 10 e 11 do livro O Brilho da Minha Cor.



Fonte: Produção autoral.

O *mockup* virtual do livro “O Brilho da Minha Cor” está disponível *online*¹⁰.

7. Considerações Finais

Considera-se que a pesquisa alcançou os objetivos propostos, demonstrando a eficácia da ilustração crítica no design social e sua capacidade de promover a representatividade em livros ilustrados infantis. O resultado final é um livro que serve como uma ferramenta para empoderar crianças e celebrar a diversidade. Este trabalho revelou a importância de integrar práticas sociais ao design gráfico, contribuindo para um entendimento mais profundo das questões de representatividade.

O processo de desenvolvimento da narrativa e das ilustrações foi enriquecedor, refletindo aspectos pessoais e emocionantes da vida da autora e pesquisadora. A criação da personagem Madá, incorpora elementos da sua própria identidade. A experiência de ilustrar para crianças, semelhantes à autora, ressalta o prazer e a relevância de abordar temas de representatividade. O aprofundamento nas temáticas de diversidade foi crucial para o crescimento pessoal e profissional como designer, sublinhando a importância de uma abordagem socialmente engajada no design gráfico.

Este trabalho objetivou a relevância social, a promoção do empoderamento de crianças negras através da representatividade e a valorização da diversidade. A experiência evidenciou como o design gráfico, valendo-se da ilustração, pode servir como um meio de expressão pessoal e de responsabilidade social, se posicionando como um agente de mudança e propagador da inclusão.

Referências

BRAGA, Marcos da Costa. **O papel social do design gráfico**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação,

¹⁰ <https://online.fliphtml5.com/yimhp/vwlp/>

Conselho Nacional de Educação, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

CAETANO, Janaína Oliveira; GOMES, Suzete Araujo Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, 2022.

CARDOSO, Eduardo; MARTINS, Dianne Serafim; KAPLAN, Lúcia. **Diretrizes para o desenvolvimento de livros infantis multiformato acessíveis**. Blucher Design Proceedings. Blucher, 2019.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V.; CALDIN, C. F. Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 194-206, 2016.

FRASCARA, Jorge. O Papel Social do Design Gráfico. **Revista Design & Interiores**, São Paulo, Projeto Editores, ano 3, n. 17, p. 125-128, dezembro de 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLOHN, Sara Copetti; FENSTERSEIFER, Thais Arnold. Contribuições do design editorial para a alfabetização infantil. InfoDesign: **Revista Brasileira de Design da Informação**, São Paulo, SBDI. Vol. 9, n. 1, p. 45-51, 2012.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINS, Guto. **Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. 2. ed. rev. São Paulo: Rosari, 2004.

MALAFAIA, Evelyn. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**, Uberlândia, p.1-18, 2018.

MARGOLIN, Victor. O designer cidadão. **Revista Design em Foco**, vol III, n. 2, Salvador, Eduneb, 2006.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

MOURA, Monica Cristina. Design para o sensível: política e ação social na contemporaneidade. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 044 – 067, 2018.

NEVES, Flávia de Barros. **Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico**. In: BRAGA, M. C. (Org.). O papel social do design gráfico. História, conceitos & atuação profissional. São Paulo: Senac. 2011.

NIKOLAVEJA, Maria e SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

PAPANÉK, Victor. **Design for the real world**: human ecology and social change. New York: Pantheon Book, 1971.

PASSOS, Ravi Figueiredo. Percursos do projeto de design. In: SILVA, Jofre. (Org.). **Design, arte e tecnologia**. São Paulo: Rosari, Universidade Anhembi Morumbi, PUC Rio e Unesp-Bauru, 2008.

PAZMINO, Ana Veronica. Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável. In: International Symposium on Sustainable Design / **Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**. Anais do I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. Curitiba: UFPR, p. 1-10, 2007.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

ROCHA, Cláudio Aleixo. Design Gráfico Social: A ilustração conceitual crítica e satírica como forma de reflexão e engajamento social. **Revista Educação Gráfica (Online)**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 75-90, 2015.

ROCHA, Cláudio Aleixo. Ilustração crítica e narrativas subversivas no design gráfico social. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 4, n. 3, p.154 – 171, 2020.

ROCHA, Cláudio Aleixo. Metodologia de design para criação de personagem: uma proposta. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 1–23, 2023.

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. In: **VI Congresso Nacional de Educação**. 2019.